



Tempo, técnica e memória: a antiga fábrica da Antártica e as temporalidades da São Paulo industrial

Andréa de Oliveira Tourinho, Fernando Vázquez Ramos, Diego Petrini Pinheiro e Daniel Luiz Vieira Carcavalli

TOURINHO, Andréa de Oliveira; RAMOS, Fernando Vázquez; PINHEIRO, Diego Petrini; CARCAVALLI, Daniel Luiz Vieira. Tempo, técnica e memória: a antiga fábrica da Antártica e as temporalidades da São Paulo industrial. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, e 702, jun. 2026

data de submissão: 20/04/2026

data de aceite: 09/06/2026

DOI: 10.51924/revthesis.2026.v11.702

Andréa de Oliveira TOURINHO

Universidade São Judas Tadeu; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo; drea.otourinho@gmail.com

Fernando Vázquez RAMOS

Universidade São Judas Tadeu; Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo; prof.vazquez@ulife.com.br

Diego Petrini PINHEIRO

MLD Restauração Arquitetônica Integrada (MLD RAI); diego@mld.arq.br

Daniel Luiz Vieira CARCAVALLI

MLD Restauração Arquitetônica Integrada (MLD RAI); daniel@mld.arq.br

Contribuição de autoria: Concepção; Supervisão; Validação; Redação - revisão e edição: TOURINHO, A. O.; RAMOS, F. V. Redação – rascunho original, Análise: TOURINHO, A. O.; RAMOS, F. V.; PINHEIRO, D. P.; CARCAVALLI, D. L. V. Curadoria de dados; Coleta de dados; Metodologia: TOURINHO, A. O.; PINHEIRO, D. P.; CARCAVALLI, D. L. V.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não há conflito de interesse.

Financiamento: Instituto Ânima.

Uso de I.A.: Os autores certificam que não houve uso de inteligência artificial na elaboração do texto.

Editores responsáveis: Isis Pitanga e Rodrigo Scheeren.



Resumo

O artigo analisa o antigo complexo fabril da Companhia Antarctica Paulista, situado na Mooca, como objeto empírico ímpar para a compreensão das múltiplas temporalidades da São Paulo industrial, manifestas na moderna cidade que herdamos na contemporaneidade. O texto argumenta que a formação e consolidação desse espaço fabril expressa a aceleração técnica e econômica que ditou os novos ritmos urbanos e orquestrou as práticas sociais de vida e de trabalho ao longo de mais de um século. Na atualidade, a antiga fábrica, patrimonializada por meio do tombamento, no momento mesmo de seu abandono, revela-se não como um resíduo inerte do passado, mas como um campo de forças fundamental para compreender as relações entre tempo e espaço na São Paulo industrial, particularmente no contexto das discussões contemporâneas sobre memória, historicidade e "presentismo". O complexo fabril da Antarctica é analisado por meio das relações entre tempo, técnica e memória, compreendidas como categorias fundamentais para a interpretação da experiência urbana moderna, que implicam, em cada momento, temporalidades que se juxtapõem e se sobrepõem, expressando-se, material e simbolicamente, como marcas de transformações que constituem múltiplas historicidades.

Palavras-chave: patrimônio industrial, historicidade, presentismo, práticas sociais.

Abstract

This article analyzes the former factory complex of Companhia Antarctica Paulista, located in the Mooca district, as a unique empirical object for understanding the multiple temporalities of industrial São Paulo, manifested in the modern city inherited in contemporary times. The text argues that the formation and consolidation of this factory space express the technical and economic acceleration that dictated new urban rhythms and orchestrated social practices of life and labor over more than a century. In the present, the former factory, patrimonialized through heritage listing, at the very moment of its abandonment, reveals itself not as an inert residue of the past, but as a field of forces fundamental to understanding the relations between time and space in industrial São Paulo, particularly within contemporary discussions on memory, historicity, and "presentism". The Antarctica factory complex is analyzed through the relations between time, technique, and memory, understood as fundamental categories for interpreting the modern urban experience, and which imply, at each moment, temporalities that juxtapose and overlap, expressing themselves materially and symbolically as marks of transformations that constitute multiple historical dimensions.

Keywords: industrial heritage, historicity, presentism, social practices.

Resumen

Este artículo analiza el antiguo complejo fabril de la Companhia Antarctica Paulista, ubicado en el barrio de Mooca, como un objeto empírico singular para comprender las múltiples temporalidades del São Paulo industrial, manifestadas en la ciudad moderna heredada en la contemporaneidad. El texto sostiene que la formación y consolidación de este espacio fabril expresan la aceleración técnica y económica que dictó nuevos ritmos urbanos y orquestó las prácticas sociales de vida y trabajo a lo largo de más de un siglo. En el presente, la antigua fábrica, patrimonializada mediante su declaración como bien protegido, en el mismo momento de su abandono, se revela no como un residuo inerte del pasado, sino como un campo de fuerzas fundamental para comprender las relaciones entre tiempo y espacio en el São Paulo industrial, particularmente en el contexto de los debates contemporáneos sobre

memoria, historicidad y "presentismo". El complejo fabril de Antártica es analizado a partir de las relaciones entre tiempo, técnica y memoria, entendidas como categorías fundamentales para la interpretación de la experiencia urbana moderna, y que implican, en cada momento, temporalidades que se yuxtaponen y se superponen, expresándose material y simbólicamente como marcas de transformaciones que constituyen múltiples historicidades.

Palabras-clave: Patrimonio industrial, historicidad, presentismo, prácticas sociales.

Introdução

O antigo complexo fabril da Companhia Antártica Paulista,¹ localizado no bairro da Mooca, constitui um dos testemunhos materiais mais expressivos da industrialização paulistana. A formação, transformação e abandono desse complexo permitem compreender diferentes temporalidades que marcaram - e ainda marcam - a formação e a constante mudança das estruturas físicas e sociais da metrópole, evidenciando, entre outras questões, as relações entre técnica, espaço urbano, modos de vida e memória social.

A trajetória da Antártica, desde o final do século XIX até o abandono de suas instalações, acompanha as transformações fundamentais da cidade de São Paulo: a expansão industrial, a reorganização do território urbano, a aceleração técnica dos processos produtivos e, mais recentemente, os processos de desindustrialização,² financeirização,³ patrimonialização⁴ e disputa em torno dos territórios como espaços de geração de riqueza e da memória urbana como lugar de identidade. Nesse sentido, o conjunto fabril pode ser entendido como um campo de sobreposição de temporalidades, no qual persistem materialmente distintas camadas históricas da cidade.

Este artigo propõe analisar o complexo da Antártica a partir das relações entre tempo, técnica e memória, compreendendo o patrimônio industrial não como resíduo inerte do passado, mas como expressão material de historicidades diversas e, simultaneamente, como objeto de disputa simbólica e política no presente.

A abordagem aqui adotada parte do entendimento de que o próprio objeto empírico mobiliza questões conceituais relativas à temporalidade, à historicidade e à experiência moderna do tempo. É necessário, portanto, para a melhor compreensão da análise do complexo fabril, explicitar as categorias teóricas que orientam a reflexão proposta.

¹ As informações e análises relacionadas à Companhia Antártica Paulista e seu conjunto fabril na Mooca são resultado de uma ampla pesquisa histórica realizada em 2021, pela historiadora Marly Rodrigues e a arquiteta Andréa de Oliveira Tourinho, com o objetivo de subsidiar o projeto de restauro de autoria do escritório MLD RAI - cujos arquitetos também colaboraram com a pesquisa -, contratado pela então proprietária do imóvel. Foi realizada ampla pesquisa bibliográfica, iconográfica, cartográfica e documental - incluindo consulta à Biblioteca Hemeroteca Nacional e ao acervo Hedemir Linguetti, entre outros -, bem como entrevistas com ex-funcionários. Foram consultados os acervos do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo (peças gráficas do complexo fabril antes de 1930) e do Arquivo Geral da Prefeitura de São Paulo (peças gráficas do complexo fabril após 1930). Foram utilizados recursos de tecnologia digital (3D) que tornaram possível reconstituir a sequência da ocupação e as sucessivas intervenções nas edificações do complexo fabril (MLD RAI). O presente artigo conta, ainda, com o apoio de Melissa Moraes Costa, graduanda em Arquitetura e Urbanismo.

² Usamos o termo no sentido que lhe foi atribuído por Wilson Cano (2012), isto é, como uma redução persistente do peso relativo da indústria na geração de emprego e, em nosso caso, também no sentido de uma reestruturação produtiva, que ensejou a reorganização das relações sociais, culturais e de trabalho associadas à atividade industrial.

³ Usaremos o termo como "o domínio crescente dos atores financeiros, mercados, práticas, medidas e narrativas, em várias escalas, resultando em uma transformação estrutural das economias, empresas (incluindo instituições financeiras), Estados e famílias" (Aalbers, 2015 apud SANTORO, ROLNIK, 2017, p. 408).

⁴ Usamos o termo no sentido de "uma prática cultural", mas também como "uma ferramenta analítica utilizada para investigar a maneira pela qual objetos e práticas adquirem o estatuto de patrimônio" (GILLOT; MAFFI; TRÉMON, 2014).

Sobre as dimensões conceituais mobilizadas

Abordamos a **temporalidade**, a partir do entendimento de que a transformação é uma condição inerente tanto ao processo capitalista quanto, consequentemente, à própria modernidade. Ainda assim, é amplamente perceptível que, nas últimas três décadas,⁵ as mutações se aceleraram: o tempo acelerado do mundo industrial converteu-se em um tempo sem intermitência no universo digital das redes e do ser online.

A mesma percepção aparece nas palavras de Guy Debord (1990, p. 13, tradução nossa), quando afirma que uma das características da sociedade cuja modernização atingiu o estágio do espetáculo é o “presente eterno” (*eternal present*).⁶ A humanidade que fabrica (*manufacture*) esse presente “quer esquecer o passado e não parece mais acreditar no futuro”.⁷ Contudo, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2011), apoiando-se nessa mesma percepção *debordiana*, nos lembra que:

[...] a memória do passado e a confiança no futuro foram até aqui [até o último quartel do século XX, se pensamos no pós-modernismo] os dois pilares em que se apoiavam as pontes culturais e morais entre a transitoriedade e a durabilidade, a mortalidade humana e a imortalidade das realizações humanas, e também entre assumir a responsabilidade e viver o momento.

A ideia de uma crise em relação ao passado é abordada pelo historiador francês François Hartog (2003, 2006, 2007) no contexto do conceito de “regimes de historicidade”, que designa as formas historicamente situadas de articulação entre passado, presente e futuro por meio das quais se estruturam as experiências do tempo de uma sociedade. Trata-se, assim, de uma categoria heurística que permite apreender como diferentes épocas organizam a hierarquia entre essas dimensões, orientando práticas, expectativas e narrativas históricas. Para o tempo da globalização do capitalismo contemporâneo, Hartog utiliza o termo “presenteísmo”, que situa a realidade contemporânea a partir do presente.

Ainda que Hartog (2006) simplifique a abordagem para chegar ao seu postulado,⁸ consideramos operativo, para este trabalho, assumir sua interpretação do regime contemporâneo como “presentismo”. O presente torna-se dominante, absorvendo o passado – frequentemente mobilizado como memória – e esvaziando o horizonte de expectativa do futuro. O

⁵ Poderíamos retroceder mais no tempo, se pensarmos nos textos dos anos 1970 (como o clássico de Jean-François Lyotard, *A Condição Pós-Moderna*, 1979, ou o de Paul Virilio, *Velocidade e Política*, de 1977), mas, para este artigo, preferimos seguir os posicionamentos de Hartmut Rosa (2019).

⁶ Devedora, em algum sentido, das ideias de Friedrich Nietzsche, especialmente em *Humano, Demasiado Humano*, 1878, quando trata das possibilidades do progresso, como salientou Henri Lefebvre (1940) em seu estudo sobre esse filósofo.

⁷ “[...] *which wants to forget the past and no longer seems to believe in a future [...]*” (Debord, 1990, p. 13).

⁸ O autor propõe que, no âmbito da tradição ocidental, há três configurações (regimes) principais: o antigo, o moderno e o contemporâneo. No regime antigo, predominante nas sociedades clássicas, o passado ocupa posição normativa e central, fornecendo modelos de conduta para o presente e o futuro (ainda que devamos lembrar que se tratava de uma memória oral). No regime moderno, a partir das transformações associadas às revoluções do século XVIII, o futuro assume centralidade, e o passado passa a ser objeto de superação ou crítica (certamente Rousseau não pensaria assim). Nesse regime, o presente é um momento de transição, subordinado a um futuro projetado e frequentemente idealizado, sendo a história concebida como processo linear e cumulativo. Um futuro concebido como um projeto de progresso contínuo, que assume a condição basilar da constituição moderna.

presentismo constitui, assim, um diagnóstico da contemporaneidade, marcada pela centralidade da cooptação da memória pela patrimonialização e pela crise das narrativas teleológicas.⁹ No entanto, os regimes *hartogianos* não se sucedem de forma linear ou excludente, podendo coexistir e se sobrepor. A amplitude do conceito permite compreender, assim, a historicidade da própria experiência do tempo, o que o coloca em diálogo com as ideias do historiador alemão Reinhart Koselleck, como ele mesmo afirma.¹⁰

A metrópole, ao pautar-se por uma velocidade tecnológica ditada pelo presente, destrói as suas heranças materiais e perde a sua **historicidade**.¹¹ Perde também sua materialidade, pois destrói os vestígios da cultura material que lhe deu sustentação. Esta historicidade não se resume a datas do passado, mas constitui um acúmulo de temporalidades: a experiência vivida, que se transforma em herança e deveria orientar os caminhos da sociedade. Ao sucumbir a um presentismo produtivo (no sentido mais amplo de “consumista”), a cidade rompe os laços com a memória – que opera no campo da identidade, isto é, do afeto e das relações humanas mediadas pelo **poder** – reduzindo o espaço urbano a uma superfície transitória de interesses imobiliários. Esses últimos aspectos (memória e poder) são as outras duas dimensões de que trata este artigo.

A **memória** constitui um conceito amplo, e, de acordo com o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses (2007, p. 19), seria vã qualquer tentativa de se trabalhar com uma noção unificadora, dada a fragmentação e complexidade dos tempos contemporâneos, em que até a identidade individual “se define de formas múltiplas, no interior da própria subjetividade.”¹² Meneses (2007), entre outros autores, define as últimas décadas, que parecem, em princípio, de uma euforia da memória,¹³ justamente pelo seu contrário: tempos de crise da memória, crise da noção de passado e das relações que com ele estabelecemos na sociedade contemporânea, marcada principalmente pela fragmentação e pela interpretação. Esse cenário constitui uma forma de abordar as diferentes narrativas que o poder estabelece para definir não só o “passado”, mas sobretudo a relação que com ele estabelecemos.

No regime contemporâneo, a aceleração impõe um presente contínuo, em que o “novo” é consumido de forma incessante pela lógica de mercado e o passado é descartado como obsoleto. A identidade sucumbe perante a aceleração, tornando-se irrelevante, e, ainda assim, manipulável pelo poder.

⁹ Este último aspecto não parece corresponder à relação com a realidade atual, visto, por exemplo, o aumento das religiões pentecostais no Ocidente e da multiplicação de fiéis no Oriente, nas diferentes práticas religiosas dessas partes do globo, mas esse aspecto não invalida nosso uso do conceito neste artigo.

¹⁰ Não do Koselleck de *Crítica e crise* (*Kritik und Krise*, 1959), em que o alemão se preocupa com as relações entre moralidade e política, mas o de *Futuro passado* (*Ver-gangene Zukunft*, 1979), no qual, como o subtítulo indica, apresenta uma “contribuição à semântica dos tempos históricos”.

¹¹ Usamos o termo não só do ponto de vista da “cultura histórica” (termo usado pelo historiador francês Bernard Guenée), isto é, aquele das narrativas dos historiadores, mas, sobretudo, no seu sentido sensível, social, “produtora de significados”, como afirma Meneses (2007, p. 17).

¹² “A multifrenia se expressa pelo fato de que agora cada um tem tantos passados quanto diferentes empregos ou desempregos, cônjuges, parentes – principalmente os parentes por afinidade, os filhos dos novos parceiros –, residências e assim por diante. Portanto, não é apenas no nível coletivo e social que a fragmentação é o suporte de operação da memória, mas até no nível individual” (Meneses, 2007, p. 19).

¹³ Considerando o exponencial crescimento patrimonial contemporâneo nas últimas décadas, com a multiplicação de manifestações (tangíveis e intangíveis) que vêm sendo objeto de patrimonialização. Um fenômeno que atinge a escala planetária, de acordo com François Choay (2001), ao problematizar, no âmbito do patrimônio edificado, a inclusão crescente, a partir dos anos 1960, de novos tipos de bens em um quadro cronológico e geográfico cada vez mais alargado.

O **poder** mantém hoje uma relação bastante direta com a memória, se consideramos a definição desse último termo no sentido que lhe atribuiu o historiador francês Jacques Le Goff (1996, p. 476, *itálico no original*): “um elemento essencial do que costuma chamar-se identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [1990], na febre e na angústia”. Mas o aspecto mais importante que Le Goff (1996, p. 476, *grifo nosso*) extrai desse enunciado é o que afirma que “a memória coletiva é não somente uma conquista, [mas] é também um instrumento e um objeto de poder.” Há, assim, uma “dominação da recordação”, mas também uma luta por essa dominação dentro das diferentes camadas (classes, grupos, setores etc.) da sociedade e das diferentes instâncias que a representam institucionalmente, entre elas, por exemplo, os conselhos de preservação do patrimônio.

Finalmente, para o tema que aqui nos convoca, ainda há outro fator que parece importante destacar: a **técnica**. Nessa direção apoiamos-nos no caminho empreendido pelo geógrafo Milton Santos (2006, p. 29, *grifo nosso*), que defende a ideia de que a relação entre tempo e espaço é mediada pela técnica:

Toda situação é uma construção real que admite uma construção lógica, cujo entendimento passa pela história da sua produção. O recurso à técnica deve permitir identificar e classificar os elementos que constroem tais situações. Esses elementos são dados históricos e toda técnica inclui história. Na realidade, toda técnica é história embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação. *A técnica é tempo congelado e revela uma história.*

Ao que devemos agregar que essa relação entre matéria (mediada pela técnica), tempo (na sua relação com a memória) e poder (entendido por meio das narrativas) forma um conjunto de indícios que descrevem com bastante precisão as condições vivenciais de uma sociedade, sobretudo nos grandes momentos de transformação, quando os espectros da crise se apresentam com maior eloquência.

O complexo fabril, objeto deste artigo, além dos remanescentes de sua materialidade, opera também como um microcosmo das “temporalidades cruzadas” da metrópole, em que lógicas econômicas, projetos de modernização e práticas sociais se sobrepuseram ao longo de mais de um século. Assim, a trajetória da Companhia Antarctica Paulista, desde o final do século

XIX, quando, junto à Cervejaria Bavaria, tornou o consumo da cerveja um hábito integrado às novas formas de sociabilidade e à diversidade da cultura urbana, até o atual estado de abandono do seu complexo fabril, evidencia claramente as distintas temporalidades da São Paulo moderna e contemporânea, no que se refere à sua faceta industrial.

O risco atual de apagamento desse conjunto insere-se na lógica perversa do presentismo, das problemáticas da identidade e do exercício do poder. Aponta, desta forma, para as narrativas que destroem a experiência da construção social e material da cultura em favor de uma ideia vaga, mas eficiente politicamente, de progresso (ainda o progresso!).

Ao analisar as camadas históricas que compõem este complexo, procura-se incluir a materialidade dos edifícios desativados dentro de uma dimensão mais ampla - a das narrativas - para compreender como o tempo é construído, vivido e disputado na paisagem urbana. A antiga fábrica, patrimonializada por meio do tombamento,¹⁴ no momento mesmo de seu abandono, revela-se como um campo de forças - identidade, produção e poder - fundamental para compreender as relações entre tempo e espaço na São Paulo industrial e suas transformações até o presente.

14 O complexo remanescente foi tombado pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo (Conpresp), através da Resolução nº 19/CONPRESP/2016 (SÃO PAULO, 2016).

Rugosidades no espaço urbano

O espaço urbano converte-se no âmbito em que a "unicidade do tempo" (o tempo global do capitalismo) e a "unicidade técnica" (integração dos sistemas de técnicas hegemônicas) convergem. Essa dinâmica é pautada por uma "sincronização despótica", em que o acontecer de cada lugar específico passa a ser influenciado e subordinado a uma ordem econômica universal (Santos, 2006, p. 227).

Importante enfatizar que, tal como afirma Santos (2006, p. 121), "cada nova técnica não apenas conduz a uma nova percepção do tempo. Ela também obriga a um novo uso do tempo, a uma obediência cada vez mais estrita ao relógio, a um rigor de comportamento adaptado ao novo ritmo". A fábrica não é apenas um edifício: é um relógio monumental que dita a hora de acordar, a hora de trabalhar e o tempo do lazer, subordinando os corpos a um regime disciplinar que o espaço e a materialidade anteriores - regidas pelos tempos da natureza, da colheita, da missa e não pelo tempo abstrato do relógio - desconheciam.

No espaço se sobrepõem várias camadas que poderíamos chamar de “históricas”, no sentido de que cada uma delas incorpora na sua materialidade formas específicas de temporalidade que podem ser consideradas como passadas - em termos drásticos, para certos setores da sociedade, mortas. Mas essas camadas, insistindo teimosamente em continuar existindo materialmente de alguma maneira, apresentam tempos justapostos (presença de tempos que passaram nas formas e objetos que permanecem) e tempos sobrepostos (que se impõem pela força do capitalismo). As rugosidades, que, como materialidades do passado, ainda podem ser experimentadas - tal como foram definidas por Santos (2006) -, transformam-se em um fenômeno diferente, que exige novos posicionamentos que evidenciam as inquietações da sociedade.¹⁵

¹⁵ A longa tramitação do processo de tombamento da fábrica Antártica e suas implicações econômicas, culturais e sociais bem traduzem essas inquietações.

¹⁶ “Las permanencias [...] son un pasado que aún experimentamos.” (ROSSI, 1982, p. 99). A definição é correta, mas o italiano não se detém na explicação sobre como experimentamos esse passado. Esse é um problema epistemológico do qual já não podemos escapar.

O arquiteto Aldo Rossi (1982, p. 99, tradução nossa), apoiado nas teorias de historiadores franceses, como Pierre Lavedan e Marcel Poëte, chamava essas “rugosidades” de “permanências”: “um passado que ainda experimentamos”.¹⁶ Mas, pensamos que o termo *rossiano* tira a dimensão mais drástica do “entreve”, isto é, do entendimento (cada vez mais comum) que nos leva a perceber esses elementos da paisagem urbana como “obstáculos” ao desenvolvimento da cidade - novamente, como impedimentos para o “progresso”, o que o termo empregado por Santos revela de forma clara.

As “rugosidades” representam o tempo passado cristalizado em formas físicas (edifícios antigos, traçados de ruas, espaços abertos) que impõem uma “inércia dinâmica” ao presente (Santos, 2006). Como é bem sabido, essa propriedade do movimento retilíneo uniforme (a de manter sua velocidade e direção) pode ser alterada quando uma força externa atua sobre ele. A força externa é a que pretende alisar a superfície para permitir o fluxo constante de energia (entenda-se, do capital, do lucro). Contudo, nessa dinâmica, o espaço construído de ontem opera, simultaneamente, como uma memória que nos conecta ao fluxo das sociedades do passado, das quais somos herdeiros, mas também opera como um obstáculo para o capital, associado à narrativa do progresso como força motora da acumulação de riquezas da era industrial.

¹⁷ Ainda que o tombamento tenha acontecido em 2016, vale destacar que o processo foi aberto em 2007 (Resolução nº 09/CONPRESP/2007), quase dez anos antes.

O tombamento¹⁷ do que restou do complexo paralisou, temporariamente, a destruição desse “resíduo” do passado, evitando a perda de uma memória que não só era histórica, mas também afetiva para certos setores da sociedade (ex-funcionários, moradores da Mooca, preservacionistas, entre outros). Esse impasse pode dar tempo para uma resignificação do comple-

xo, e uma recuperação dos vestígios das técnicas que nele foram desenvolvidas e que impactaram a sociedade nos seus costumes, com o consumo da cerveja, como indicado anteriormente. Pesquisas sobre o complexo, como a que aqui apresentamos, assim como projetos para a reutilização do edifício já foram feitos e outros virão, porque o complexo é um acúmulo de temporalidades, que representam as mudanças técnicas que de alguma maneira impactaram a sociedade em diferentes momentos de sua formação histórica, sendo, assim, memória ainda viva como patrimônio cultural dos paulistanos, o que a patrimonialização do bem tem evidenciado como questão identitária.

No âmbito desse complexo panorama de narrativas apresenta-se, neste artigo, o estudo do complexo fabril da Antartica na Mooca, como uma rugosidade cuja história acompanha as mudanças da própria cidade, sendo um dos exemplares mais antigos da industrialização paulista ainda em pé. Mudanças que se refletem na paisagem urbana, em que as relações entre transformações e permanências traduzem as interações entre poder, espaço (e sua construção material por meio da técnica) e tempo.

A Companhia Antartica Paulista e o complexo fabril na Mooca

A trajetória da Companhia Antartica Paulista e de seu complexo fabril na Mooca mostram as diversas temporalidades resultantes das transformações técnicas que moldaram as relações de seus trabalhadores no tempo e no espaço, bem como o seu papel na urbanização da cidade: da superação do tempo artesanal (produção de cervejas caseiras de banana ou arroz), no século XIX, às acelerações tecnológicas que ditavam, em cada momento, as alterações do espaço material ao longo do século XX.

A transição da cidade de São Paulo de um núcleo provincial para uma metrópole industrial representou, para além do expressivo crescimento demográfico, uma profunda metamorfose do espaço. No seu estágio provincial, a cidade operava sob a égide do que o historiador Luís Claudio Palermo (2017, p. 25), baseando-se nas formulações de Koselleck, denominou de "espaço de experiência".¹⁸ Tratava-se de uma temporalidade circular, ancorada na tradição e na repetição de ritmos agrários e artesanais, na qual o passado servia de guia seguro e normativo para o presente (HARTOG, 2006).

¹⁸ Koselleck (2006, p. 309) entende a "experiência" como "o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados." Afirma ainda que: "Passado e futuro jamais chegam a coincidir [...] Uma experiência, uma vez feita, está completa na medida em que suas causas são passadas [...]" (p. 310). Assim, o termo "experiência" apresenta um problema: saber se os acontecimentos podem de fato ser lembrados, ou se, apesar das manifestações físicas no espaço do presente, aqueles eventos, "completos no passado", já não façam mais sentido.

Esse cenário começou a romper-se na segunda metade do século XIX. O processo de modernização urbana de São Paulo acompanhou o de industrialização e, como este, deita suas raízes nas reformas de 1850, especificamente na Lei de Terras, que propiciou a reapropriação da terra urbana. Gradativa, mas continuamente, esse bem, até então entendido como bem de uso e propiciador de poder, ganhou valor de mercado.

A chegada da ferrovia na cidade em 1867 foi um grande impulsionador de transformações. A linha férrea funcionou como um “fixo” geográfico determinante, essencial para a instalação de novos “fluxos” incessantes de capital, mercadorias e pessoas (Santos, 2006). A ferrovia não foi apenas um meio de transporte; consistiu no instrumento que reorganizou o território paulista, impondo a precisão matemática dos horários industriais sobre a lentidão da vida provincial. O impacto da técnica sobre a percepção do tempo, bem como as mudanças nas percepções da identidade são evidentes nessa reorganização territorial.

A nova fase capitalista exigia a demolição do antigo tecido urbano colonial para dar lugar a avenidas, redes de iluminação, eixos logísticos e, sobretudo, aos imponentes galpões fabris. O território urbano deixa de ser um palco para se converter num instrumento ativo de acumulação de riqueza e de poder. A necessidade de maximizar o lucro impunha que o espaço fosse remodelado para anular os entraves à circulação rápida do capital.¹⁹

¹⁹ Nessa época, o entendimento sobre o patrimônio estava restrito aos monumentos; assim, o tecido colonial não possuía o valor cultural que viria a alcançar mais tarde. Desse modo, ainda que se tratasse de um obstáculo, sua remoção era social e politicamente aceitável.

No último quartel do século XX, a cidade sofreu uma nova metamorfose induzida pela transição do capitalismo industrial para a fase do chamado capitalismo tardio, financeirizado e flexível. As estruturas fabris colossais que outrora representavam o “horizonte de expectativa” começaram a entrar em declínio, sofrendo processos de esvaziamento e abandono.

É nesse panorama urbano que a Companhia Antártica Paulista e seu complexo fabril na Mooca serão analisadas, em seus distintos momentos de produção.

O processo de fabricação da cerveja pode ser analisado a partir de uma setorização que compreende os vetores: (a) administrativo; (b) utilidades; (c) processo; (d) envasamento; e (e) apoio. O administrativo (a), engloba as atividades relacionadas à administração geral, controles das unidades, escritórios. As utilidades (b) referem-se aos serviços que tornam possível o processo: energia elétrica, geração de vapor, de ar comprimido, condensadores e instalações frigo-

ríficas, por exemplo. O processo (c) compreende as várias etapas de fabricação da cerveja propriamente dita: recebimento e armazenagem das matérias-primas, moagem do malte, brassagem (“cozinhamento”), filtração do mosto, fervura e fermentação, maturação e carbonatação; bem como as atividades de controle químico de todo o processo. Após todo esse processo, ocorrem as etapas relacionadas ao envasamento do produto (d), como o engarrafamento, a rotulagem e a selagem, bem como o enchimento de barris de chope. As atividades de apoio (e), em geral, referem-se a ambientes como oficinas de serraria, marcenaria, ferraria e depósitos.

Cada uma dessas atividades exige técnicas, maquinário e ambientes específicos, que dependem, por sua vez, do espaço da fábrica e do momento em que ocorrem, ou seja, variam no tempo. No caso da fábrica da Antarctica na Mooca, seu núcleo mais antigo, ao lado da via férrea, desenvolveu-se em um terreno alongado, limitado pela ferrovia e pela antiga Alameda Bavária, atual Avenida Presidente Wilson (Figura 01). Com o tempo, a Antarctica foi adquirindo mais terra, expandindo suas instalações e atividades para a gleba adquirida do outro lado da referida alameda, mas também foi se adensando, principalmente no lado que confinava com a rede ferroviária.

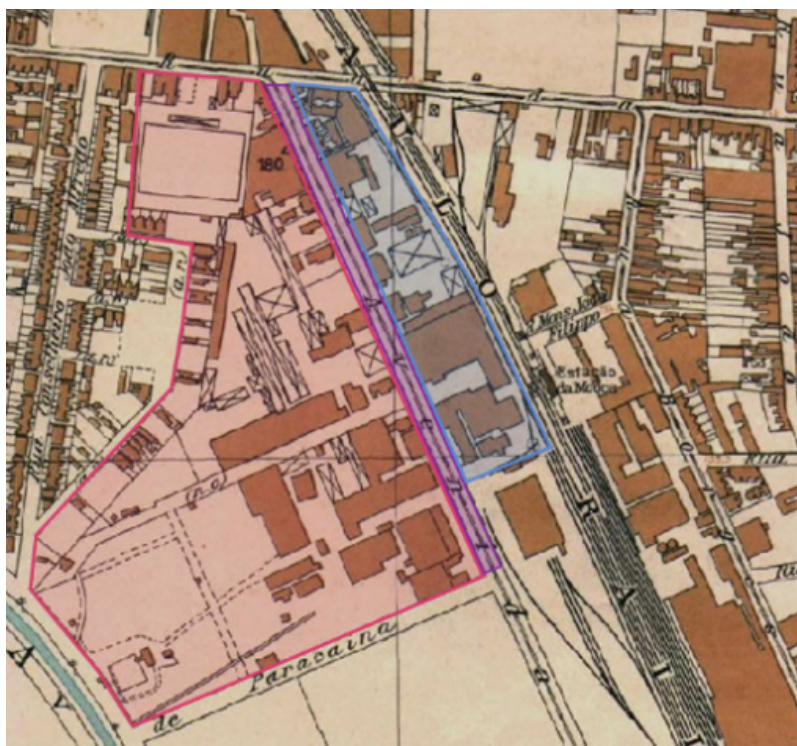


Figura 01
Complexo fabril da Antarctica na Mooca, em 1930 (S.A.R.A. Brasil). Em azul, núcleo mais antigo; em rosa, área de expansão; em roxo, Alameda Bavaria, atual Avenida Presidente Wilson.
Fonte: São Paulo, 2026 (domínio público).

A evolução de suas atividades no tempo nos mostra como a fábrica foi se acomodando ao espaço, em um processo de, por um lado, aproveitamento e adaptação dos edifícios existentes, e, por outro, de demolições e novas construções, que foram se sobrepondo.

Fabricação de cerveja na cidade de São Paulo e a Bavária, 1892-1903

Em São Paulo, o binômio composto pela ferrovia e pela indústria começava a moldar a face da cidade, aproveitando os excedentes do capital oriundo da cafeicultura para diversificar investimentos nos setores comerciais, financeiros, imobiliários e urbanos, incluindo o de infraestruturas urbanas.

No final do século XIX e início do XX, a produção de cerveja na cidade de São Paulo, inicialmente artesanal,²⁰ sucumbiria à força das duas grandes fábricas da cidade: a Fábrica de Cerveja Bavária e a Companhia Antarctica Paulista, que ilustram a passagem de um tempo circular e lento - o "espaço de experiência" (Kosselleck, 2006) - para um "horizonte de expectativa", impulsionado pelo progresso técnico, pela via férrea e pela promessa de futuro do capitalismo em ascensão. As duas cervejarias tornaram o consumo dessa bebida um hábito integrado às novas formas de sociabilidade e à diversidade da cultura urbana, alterando costumes da sociedade, em geral, e orquestrando os ritmos de vida e trabalho de seus trabalhadores.

A fundação do complexo da Fábrica de Cerveja Bavária em 1892 no bairro da Mooca por Henrique Stupakoff constituiu o núcleo original e a base técnica do que viria a ser o gigantesco complexo da Antarctica. Evidenciava, também, uma nova temporalidade na cidade que se industrializava, marcada pelos apitos da fábrica e do trem, numa paisagem que começava a ser marcada - pelo menos, nos bairros industriais - pelas chaminés e pelos edifícios fabris. De acordo com descrições da época, o edifício da Bavaria, onde se produzia a cerveja, era alto, alcançando 30 m de altura, todo construído em tijolo e com destaque na paisagem. Como dito anteriormente, a produção fabril mudava também os modos de vida e trabalho na cidade; na Bavaria, o serviço de rotulagem das garrafas, considerado simples, era realizado por crianças (Bandeira Junior, 1901).

Projetada pelo engenheiro alemão Carl Hermann Cörner, a planta inicial da Bavária já apresentava uma estrutura industrial avançada para a época, com uma casa de caldeira, onde se produzia a energia neces-

²⁰ O *Novo Almanach de São Paulo* indica que no ano de 1882 existiam no centro e arrabaldes da capital nove fábricas de cerveja, nas mãos de mestres cervejeiros alemães (NOVO ALMANACH, 1882, p. 210-211).

sária à produção; salão de máquinas; *sudhaus*, onde se desenvolvia a fabricação de cervejas, processo que incluía tanques de fermentação, de resfriamento e de maturação. Na frente do lote havia um chalé, onde estava instalado o escritório, e aos fundos passavam os trilhos da chamada *Inglesa* (São Paulo Railway), com os quais mantinha uma ligação por meio de uma chave.

O núcleo original da Bavária situava-se muito próximo à estação da Mooca, pois, naqueles primórdios e por muito tempo, não existiam silos de armazenagem de malte e mecanização de movimentação de grãos, e assim essa matéria-prima era recebida em sacaria desde o porto até sua recepção e seu manuseio interno na fábrica. Além disso, a presença de poços artesianos evidenciava a importância da água como um elemento fundamental na produção da cerveja. Não à toa, o autor do projeto da Bavária foi o introdutor da técnica dos poços artesianos no Brasil (BANDEIRA JUNIOR, 1901).

A fábrica se expandiu, nesse período, solicitando à prefeitura autorização para edificação de uma nova casa de máquinas. Em 1901, a descrição publicada por Bandeira Junior atesta a existência de um reservatório de água, de oficinas de conserto e restauração do maquinário e do uso de eletricidade gerada por dois dínamos e acumulada em baterias. No final do século XIX, a Bavária concentrava suas atividades de processo e utilidades, vertical e horizontalmente, enquanto as funções de apoio encontravam-se mais dispersas.

A Antártica e a consolidação da moderna indústria (1904–1944)

Em 1904, a Companhia Antártica Paulista²¹ adquiriu a Bavária, sua principal concorrente, em uma transação que incluiu terrenos, edifícios e maquinário, em um período em que se expandiam as atividades industriais na cidade. A partir de então, a Antártica se firmaria como uma empresa dinâmica, regida por formas contemporâneas de planejamento industrial, que enfrentava a concorrência com o registro de tipos e marcas de bebidas, o que lhe garantia a exclusividade de fabricação.

Nas primeiras décadas do século XX, o complexo fabril da Mooca passou por uma grande expansão, acompanhando a lógica de um capitalismo de caráter monopolista que exigia racionalidade técnica, aumento de escala e de eficiência.

Edifícios de grande porte, que se impunham na paisagem (Figura 2), foram erguidos para suportar a produ-

²¹ Joaquim Salles e Luiz Bücher criaram a Antártica Paulista, Fábrica de Gelo e Cervejaria, em 1889, que daria origem à Companhia Antártica Paulista, constituída como sociedade anônima em 9 de fevereiro de 1891, e cuja casa comercial Zerrenner Bülow & Cia. – de João Carlos Antonio Zerrenner e Adam Citrik von Bülow – se tornaria sua sócia majoritária, a partir de 1893. Inicialmente, no bairro da Água Branca, a partir da compra da Bavaria, a Antártica concentraria sua produção de cerveja na unidade da Mooca. A mudança para a Mooca culminou em 1920, quando a propriedade da Água Branca foi vendida.

ção em massa, com destaque para as grandes adegas construídas entre 1912 e 1923 e o imponente depósito de cereais de 1914 (RODRIGUES; TOURINHO, 2021). Essas edificações apresentavam uma solução técnica inovadora para a refrigeração do ambiente, adotando tecnologias de ponta para a época, como a construção de paredes duplas isoladas com cortiça, entre as quais passavam serpentinas de resfriamento, contendo solução de salmoura ou gás de amônia, resfriadas por compressores na casa de máquinas. A planta do edifício de 1912 veio da Alemanha. Nas adegas geladas trabalhavam funcionários recrutados das colônias de imigrantes do leste da Europa para suportar as baixas



Figura 02

Fábrica da Antártica, na Mooca, vista da Al. Bavaria (atual Av. Presidente Wilson), dec. 1930. Fonte: Linguetti, 1959 (domínio público).

temperaturas do ambiente. (Informações de entrevistas com ex-funcionários, que se confirmaram com o estudo das plantas do complexo fabril, em RODRIGUES; TOURINHO, 2021).

Essa nova infraestrutura exemplifica, na prática, a implantação da unicidade técnica no território. A fábrica deixou de ser apenas um local de produção de bebidas para se converter num microssistema técnico complexo e autossuficiente, englobando fábricas de gelo, produção de gás carbônico, de refrigerantes e licores, bem como o engarrafamento dessas bebidas. Nesse período, a fábrica expande-se, construindo novos edifícios e aumentando as áreas dos setores administrativo, de utilidades, de processo, de envasamento e de apoio.



Figura 03
Fábrica da Antarctica, na Mooca, 1941. Fonte: Álbum da Visita..., 1941.

É também nessa fase que o capitalismo industrial estende o seu domínio para além do chão de fábrica, assumindo o controle do tempo de vida e da reprodução social da força de trabalho. A partir de 1936, com a criação da Fundação Antonio e Helena Zerrenner, a empresa consolidou um modelo de capitalismo paternalista (semelhante à lógica fordista de bem-estar social). A fábrica passou a exercer um papel assistencialista, assegurando saúde, educação (através de creches e escolas) e lazer aos funcionários, não tanto na esteira dos pensadores sociais do século XIX – como Charles Fourier e Robert Owen –, mas como uma forma de atenuar os impactos sociais da jornada de trabalho no chão de fábrica.²² A Antarctica passou a gerir a temporalidade do trabalhador “do nascimento até à morte”: uma demonstração de poder, forjando a identidade da chamada “família Antarctica” (Entrevistas com ex-funcionários em RODRIGUES; TOURINHO, 2021), que se fundiu, até pelas suas dimensões (Figura 3), de forma indissociável, com a própria identidade operária e social do bairro da Mooca.

²² A jornada de 8 horas só foi instituída em 1932 (Decreto 21.364), durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, no contexto das reformas trabalhistas implementadas após a Revolução de 1930.

Renovação tecnológica e ampliações do espaço (1944–1980)

Após o término da Segunda Guerra Mundial, o complexo iniciou uma renovação tecnológica da produção, substituindo as antigas máquinas alemãs por maquinário norte-americano de alta capacidade, com grande aumento na capacidade de engarrafamento de cerveja e refrigerantes. Este movimento procurava responder à aceleração vertiginosa do consumo urbano (RODRIGUES; TOURINHO, 2021).

Na medida em que crescia a necessidade de espaço para ampliar a produção de cerveja, instalações como a da fábrica de gelo e de gás carbônico migraram do núcleo mais antigo da fábrica para o outro lado da via,

onde também se estabeleceram a fábrica de refrigerantes e, possivelmente, até 1953, a de licores. Entre as duas partes da Antártica havia ligações transversais sob a atual Avenida Presidente Wilson que garantiam o funcionamento integrado da produção: uma galeria de concreto armado onde passavam condutores de insumos, água doce e salmoura, construída no início da década de 1910 e ampliada em 1927.

Uma planta do núcleo mais antigo da fábrica, de 1935, mostra o adensamento das construções, sendo fundamental por indicar as funções de cada edificação (Figura 3): o depósito de cevada (E), a fabricação (E), a *breuagem*²³ (E), a casa das caldeiras (K), as casas de máquinas (I), as adegas (H), o despacho das caixas e engarrafamento (D). Conforme se verifica, os outros edifícios (A, B, C, F, G) são mais voltados às funções de apoio à principal fabricação: outra casa das caldeiras (F), provavelmente ligada à atividade da “antiga fabri-

²³ A palavra “breuagem” significa “dar breu aos barris”.

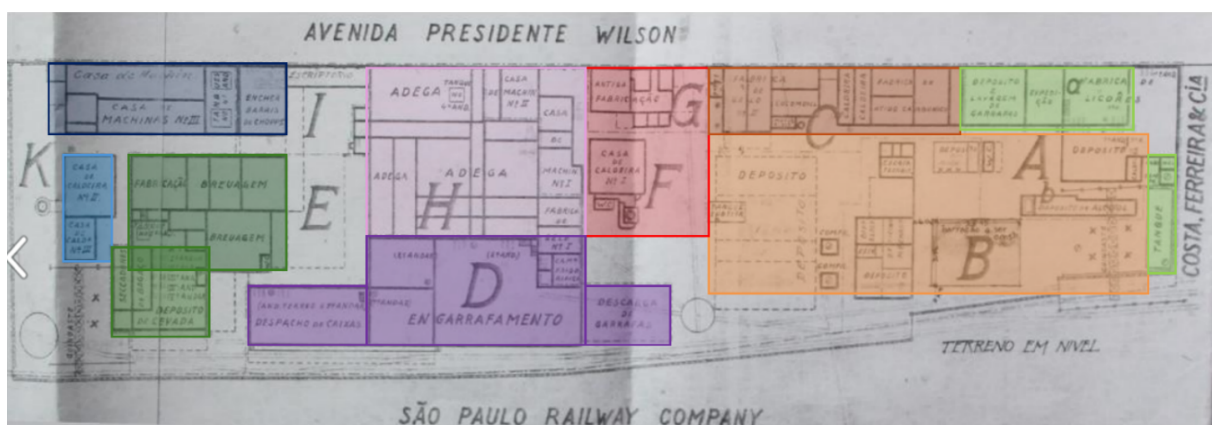


Figura 04
Planta do núcleo mais antigo da Antártica, na Mooca, 1935. Fonte: Elaborado pelos autores, com base em planta do Arquivo Geral de São Paulo.

cação” (G) e das adegas (H), fábrica de gelo e de ácido carbônico (C), “barracão a ser construído” (B), depósitos, depósito de álcool, depósito de lavagem de garrafas e expedição (A), tanque e fábrica de licores (Q).

Na década de 1970, a tecnologia de fermentação se modernizou, e esse processo passou a ser controlado em tanques cilíndricos altos e cônicos no fundo, de aço inoxidável e com limpeza automática. Essa mudança levou à demolição de edificação na qual a fermentação tradicional era feita em tanques abertos, e uma nova configuração desse espaço (na Figura 04, o espaço “E”).

Em 1958, foram criadas a Escola Técnica da Antártica e a Associação Recreativa da Companhia Antártica

ca (ARCA), elementos importantes da estrutura social da “família Antártica”.²⁴ Entre as décadas de 1950 e 1970, a Antártica adquire e cria fábricas em todo o país. Até os anos de 1960, a empresa ampliara cerca de cem vezes sua capacidade de produção.

A crise do modelo de gestão da Antártica (1980-2000)

Nas últimas décadas do século XX, o mundo entrou na era da globalização e do capitalismo de acumulação flexível – em resposta à crise do modelo fordista de produção –, em que a hipercompetitividade e a mobilidade do capital financeiro passaram a ditar novas formas de produção do espaço, atreladas a políticas neoliberais.

A gestão centralizada e tradicional da Antártica começou a enfrentar pressões operacionais diante da hiperconcentração de capitais em mãos de grandes conglomerados internacionais e os novos modos de enfrentamento da nova fase do capitalismo, que vinham minando, também, as estruturas do Estado de bem-estar social, estabelecidas após a Segunda Guerra Mundial. Instalou-se no complexo da Mooca o que Santos (2000) descreve como uma esquizofrenia do espaço, em que a racionalidade de velocidade exigida pela empresa global (o tempo rápido dos fluxos logísticos rodoviários) entrou em choque direto com as instalações centenárias, densamente construídas em um tecido urbano agora engarrafado para o tráfego de caminhões de grande porte.²⁵

Em 1989, a produção no núcleo mais antigo do complexo fabril (Figura 05) bem evidencia, ainda, a permanência e funcionamento das estruturas construtivas que deram suporte material para as distintas temporalidades que se estabeleceram naquele espaço ao longo do tempo.

Incapaz de suportar a aceleração contemporânea no seu antigo berço, a produção foi gradualmente transferida para unidades mais modernas e descentralizadas, culminando na inauguração da gigantesca unidade de Jaguariúna em 1993. A fábrica da Mooca foi totalmente desativada em 1995. O golpe final no seu modelo de gestão ocorreu em 1999, quando sua incorporação pela outrora rival Brahma resultou na criação da Americas Beverage Company (Ambev), empresa de capital aberto que faz parte da AB InBev, líder na produção e comercialização mundial da cerveja, selando a vitória definitiva do capitalismo financeiro sobre o antigo modelo industrial paternalista.

²⁴ As memórias de ex-funcionários referem-se à Escola Técnica como uma das melhores do Brasil, onde se formavam técnicos em química, em mecânica, em secretariado, entre outras formações. Ali também os alunos podiam praticar os seus conhecimentos, em um espaço técnico da própria empresa. Funcionava em uma ampla área na Av. do Estado, hoje administrada pelo Senai. (RODRIGUES; TOURINHO, 2021)

²⁵ A predominância do transporte rodoviário sobre o ferroviário constitui um indicativo das transformações estruturais da economia brasileira no pós-guerra, frequentemente associadas à maior inserção de capitais e indústrias estrangeiras (especialmente do setor automobilístico), mas também às opções de política pública que favoreceram a expansão da malha viária em detrimento do sistema ferroviário, esse último responsável por impulsionar a economia cafeeira e parte do processo de industrialização desde o Império até meados do século XX.

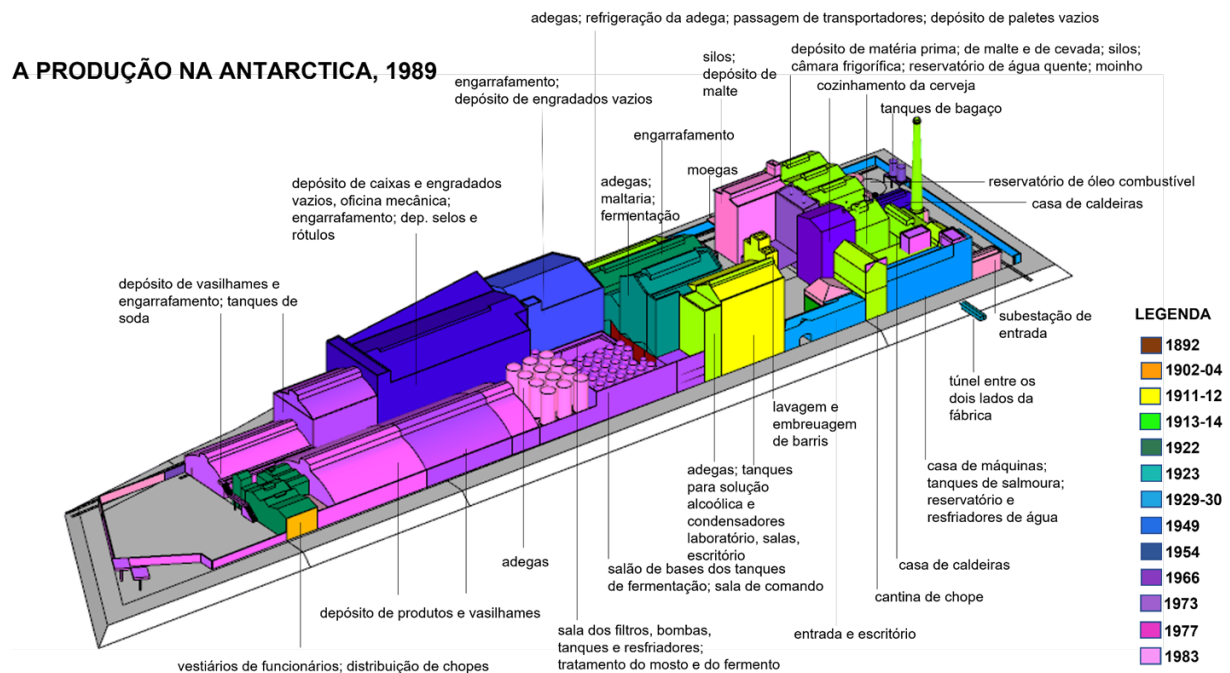


Figura 05
A produção na Antártica em 1989, com indicação dos períodos de construção de cada edifício.
Fonte: MLD RAI (2021).

Nas lembranças de ex-funcionários da Antártica, a Brahma impôs um modelo de gestão que substituiu a tradicional administração cervejeira por uma mais voltada para a produtividade, custo e eficiência, aos moldes de empresa financeira, colocando fim à “família Antártica” (RODRIGUES; TOURINHO, 2021).

Abandono e patrimonialização do complexo fabril

Atualmente, o vasto conjunto edificado da Antártica na Mooca permanece na paisagem não como um espaço dinâmico de produção, mas como uma grande rugosidade urbana. O seu tombamento definitivo, em 2016 destacou, para justificar a decisão, que o complexo devia ser assumido “como vestígio das transformações geradas pela industrialização” (SÃO PAULO, 2016). Ainda assim, despojado de sua função técnica original, seus edifícios persistem como formas herdadas, que impõem a sua inércia e resistem – ainda que em condições precárias de manutenção – à passagem do tempo, como testemunhos de um mundo industrial que já não existe. O abandono produtivo não impacta, contudo, o valor das edificações remanescentes, que assumiram um novo estatuto de testemunhos do mundo industrial, sendo salvaguardadas como patrimônio cultural, documento material das transformações técnicas, sociais, econômicas e políticas ocorri-



Figura 05

Vista aérea do conjunto industrial da Antarctica, na Mooca, c. 1966. Em azul, o conjunto original, construído a partir da fábrica Bavária, e que corresponde à área tombada; em rosa, ocupação da fábrica na gleba do lado oposto da av. Pres. Wilson, que não foi objeto de preservação.

Fonte: Adaptado pelos autores, com base em fotografia aérea de Polillo *et al*, 1966, s.p.

das em quase um século de capitalismo industrial no Brasil. Um “valor referencial que esse conjunto arquitetônico assume naquele sítio urbano e representa para a memória social da cidade de São Paulo” (SÃO PAULO, 2016), como afirmam os “Considerandos” da referida Resolução de Tombamento.

Embora o processo de produção da Antarctica se estendesse a ambos os lados da avenida, compondo uma unidade fabril formada pelo núcleo mais antigo, desenvolvido ao longo da ferrovia, e o que se formou na gleba do outro lado, esse último grupo de construções não foi objeto de estudo pelo órgão municipal de preservação (Figura 5).

Na referida gleba, o conjunto fabril também abrigava edificações em que ocorriam processos de produção – conforme apontado anteriormente –, áreas de depósitos, de engarrafamento e de distribuição. Sua importância deve-se, ainda, ao fato de que abrigara, também, a vila operária do início do século XX (demolida nos anos 1990), onde centenas de funcionários da fábrica moraram, estudaram e receberam assistência médica e social. A antiga gleba, integralmente demolida em 2022, começa a dar lugar a edifícios residenciais verticais.

Houve, de certa forma, um impasse no qual as diferentes instâncias do poder atuaram para defender o que consideravam importante. Por um lado, as organizações preservacionistas, tanto aquelas ligadas ao patrimônio industrial, como o Comité Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TIC-CIH), como os técnicos dos órgãos de preservação – o Departamento do Patrimônio Histórico (DPH). Por outro, o mercado imobiliário que cobiçava e cobiça, qualquer área de grande porte onde possa desenvolver novos projetos imobiliários, residenciais ou de outro tipo. Esse embate faz parte das dinâmicas urbanas atuais que se sustentam tanto nas questões ligadas ao presentismo, e a desvalorização das estruturas do passado (quando impactam a atividade do mercado imobiliário), quanto na patrimonialização como processo de valorização identitária (NOGUEIRA, 2014). Foi nesse contexto, em uma temporalidade específica, que a pesquisa histórica e o projeto de restauro, realizados em 2021, a pedido de seu novo proprietário do remanescente do complexo, a empresa Prevent Senior, considerou a reativação do conjunto (restrita à área tombada, considerada, então, como conjunto representativo da totalidade do complexo da Antártica), segundo novos parâmetros de uso, ligados a atividades do setor terciário.

Considerações finais

Considerar a trajetória da Companhia Antártica Paulista por meio de seu complexo fabril no bairro da Mooca permitiu compreender como diferentes temporalidades se materializam e permanecem inscritas no espaço urbano de São Paulo. Mais do que um remanescente industrial, o conjunto evidencia a forma pela qual técnica, produção, memória e poder se sobrepõem historicamente na constituição da metrópole moderna e contemporânea.

A análise do complexo colocou em perspectiva as transformações espaciais da Antártica em relação às distintas etapas da industrialização paulistana, permitindo discutir as alterações ocorridas nos modos de produção, nas formas de organização do trabalho e nas relações sociais estabelecidas em torno da fábrica. Desde o núcleo inicial da Bavária, no final do século XIX, passando pela expansão industrial e pela racionalização técnica da produção ao longo do século XX, até o atual estado de abandono, de disputa patrimonial e de possibilidades de transformação, o conjunto fabril expressa materialmente sucessivas historicidades.

Permanecem no complexo não apenas edifícios e estruturas técnicas, mas vestígios de diferentes regimes de organização do tempo: o tempo lento da cidade ainda provincial; o tempo disciplinar da industrialização moderna, regulado pela fábrica e pela ferrovia; e, mais recentemente, o tempo acelerado e fragmentado do capitalismo contemporâneo, no qual se insere o próprio processo de tombamento. As rugosidades persistem como formas materiais que tensionam a lógica presentista de transformação contínua da cidade. Posicionam-se como identidades que ainda transmitem substratos da memória coletiva.

O caso da Antártica, aqui apresentado, evidencia que a patrimonialização contemporânea não elimina as disputas em torno da memória e do uso do espaço urbano. Pelo contrário, o complexo desativado constitui um campo de forças em que distintas narrativas procuram atribuir ou negar sentido ao passado industrial da cidade. As memórias de ex-funcionários e moradores da Mooca coexistem, frequentemente de forma conflitiva, com as pressões da especulação imobiliária e com os processos de revalorização econômica do território. A rugosidade é uma “dureza”²⁶ que o capital pretende diluir.

A análise confirma, nesse aspecto, a pertinência do conceito de presentismo (HARTOG, 2006). A antiga fábrica passa a existir num tempo paradoxal: no mesmo momento em que é convertida em patrimônio e mobilizada como suporte de memória, permanece submetida às lógicas contemporâneas de obsolescência, abandono e reinserção mercantil no espaço urbano. O passado industrial é simultaneamente preservado, reinterpretado e ameaçado – destruído lentamente (outra temporalidade) pelo abandono negligente, não só dos atuais proprietários, mas da sociedade.

A pesquisa evidenciou ainda que a materialidade do complexo fabril não pode ser compreendida apenas como documento do passado, mas como elemento ativo na disputa contemporânea pela produção dos sentidos da cidade, até porque ela constitui um entrave ao desenvolvimento (e ao investimento) imobiliário (ÁLVAREZ MORA; ROCH, 1980). Dessa forma, o estudo do complexo fabril da Antártica permitiu compreender o patrimônio industrial não como resíduo inerte de um tempo encerrado (uma temporalidade morta), mas como expressão concreta das relações entre técnica, memória e historicidade na cidade contemporânea (uma temporalidade vivida). A permanência dessas estruturas na paisagem urbana é evidência de que o tempo da metrópole não se organiza de manei-

²⁶ Usamos o termo no sentido que lhe dão Afonso Álvarez Mora e Fernando Roch (1980). Esses autores, ainda que tratando da chamada cidade histórica, lembram que ela não “responde a um modelo espacial determinado” (Álvarez Mora; Roch, 1980, p. 41, tradução nossa) pois são resultado de longos processos de formação. O tempo funciona como um fator de acumulação, que endurece porque essas formas resultaram de “estratégias passadas, configurações de domínio que já não fazem mais sentido” para o presente, que não só as ignora, mas tentará destruí-las.

ra linear, muito menos homogênea, mas por meio de sucessivas camadas materiais e simbólicas coexistentes, constantemente reinterpretadas, transformadas, mas, sobretudo, disputadas.

Referências

- ÁLBUM DA VISITA de Vargas à Cia. *Antarctica Paulista*, em 26.11.1941. São Paulo: Cia. Antarctica Paulista, 1941.
- ÁLVAREZ MORA, A.; ROCH, F. *Los centros urbanos: Hacia la recuperación popular de la ciudad*. Madri: Nuestra Cultura, 1980.
- BANDEIRA JUNIOR, A. F. *A indústria no Estado de S. Paulo*. São Paulo: Typ. Diário Oficial, 1901.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Edição eletrônica: jul. 2011. Disponível em: https://www.ispsn.org/sites/default/files/documentos-virtuais/pdf/modernidade_liquida.pdf. Acesso em: 19 mar. 2016.
- CANO, W. A desindustrialização no Brasil. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 21, Número Especial, p. 831-851, 2012.
- CHOAY, F. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade / Editora Unesp, 2001.
- DEBORD, G. *Comments on the Society of the Spectacle*. Londres: Verso, 1990.
- GILLOT, L; MAFFI, I.; TRÉMON, A.C. "Heritage-scape" or "Heritage-scapes"? Critical Considerations on a Concept. *Ethnologies*, Canadá, vol. 35, nº 2, p. 3-29, 2013. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/ethno/2013-v35-n2-ethno01511/1026546ar.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2026.
- HARTOG, F. *Regímenes de historicidad: presentismo y experiencias del tiempo*. México: Universidad Iberoamericana, 2007.
- HARTOG, F. Tempo e Patrimônio. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p.261-273, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/qhLrpqw77Bgwq8Gv3wbR-X4x/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 mai. 2026.
- KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto / PUC, 2006.
- LINGUETTI, H. *Fragmentos de vida*. Originais datilografados. Acervo do Movimento Cultural Penha, 1959.
- MENESES, U. B. T. de. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de. *Memória e Cultura. A importância da memória na formação cultural humana*. São Paulo: edições SESC SP, 2007.
- MLD RAI. *Projeto de Intervenção Restaurativa e Adaptativa do Conjunto Arquitetônico da Companhia Antarctica Paulista na Mooca*. Documentação para aprovação no Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp). São Paulo: MLD RAI, 2021.

NOGUEIRA, A. G. R. O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação. *Antíteses*, [s/l]. vol. 7, nº 14, p. 45-67, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/19969>. Acesso em: 26 mai. 2026.

NOVO ALMANACH de São Paulo para o ano de 1883. São Paulo: Jorge Seckler & Cia., 1882. Disponível em: <http://www.novomilenio.inf.br/santos/santos.htm>. Acesso em: 02 mar. 2026.

PALERMO, L. C. Tempo e temporalidade: transformações semânticas modernas e alguns desdobramentos na produção do conhecimento histórico. *Temporalidades*, Belo Horizonte, vol. 9, nº 1, p. 15-38, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5828>. Acesso em: 14 abr. 2026.

POLILLO, R. *et all. Antarctica ontem, hoje e sempre*. São Paulo: Companhia Antarctica Paulista, s.d. [1966].

RODRIGUES, M.; TOURINHO, A. de O. *O Conjunto Arquitetônico da Companhia Paulista na Mooca*. Subsídios para um projeto desenvolvido por MLD Restauração Arquitetônica Integrada. São Paulo: Relatório de Pesquisa, 2021.

ROSA, H. *Aceleração: A transformação das estruturas temporárias na Modernidade*. São Paulo: Unesp, 2019.

ROSSI, A. *La arquitectura de la ciudad*. 6ª Ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.

SANTORO, P. F.; ROLNIK, R. Novas frentes de expansão do complexo imobiliário-financeiro em São Paulo. *Cadernos Metrópolis*, São Paulo, vol. 19, nº 39, p. 407-431, mai./ago. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2017-3903>. Acesso em: 26 mai. 2026.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

SÃO PAULO (Município). Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP). **Resolução n.º 19**, de 23 de agosto de 2016. Dispõe sobre o tombamento das edificações remanescentes do complexo da antiga Companhia Antarctica Paulista, no bairro da Mooca. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/resolucao-secretaria-municipal-da-cultuura-conpre-19-de-13-de-setembro-de-2016>. Acesso em: 26 mai. 2026.

SÃO PAULO. S.A.R.A. Brasil (1930). *GeoSampa*. Disponível em: <https://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em: 19 mar. 2026.